



EM TANGER: Mademoiselle Delmar no seu trajo de noiva judia
(*Stiché Benoliel*)

Lisboa, 4 de Agosto de 1913

N.º 389

Director e Proprietario: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSÉ JOSEBERT CHAVES

Residência, Administração, Offic. Com-
posição e Impres. Ao—RUÁ DO SÉCULO, 43.

Ilustração
PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL
DO JORNAL
O SÉCULO

ASSINATURA PARA:

Portugal, colónias e por- tuguezas e Hespanha	Ano.....	480
	Semana	240
	Trimestre	120

Dr. Bengué, 47, Rue Blanche, Paris.



BAUME BENGUÉ
CURA TOTALMENTE
RHEUMATISMO-GOTA
NEURALGIAS

Venda em todas as Pharmacias

Sederia
Schweizer

de porte a dondello.
Últimas novidades em sedas para Vestidos e blusas bem como em veludos e peluches. Peça-as nos armazéns franco.

Schweizer e Ca., LUCERNA E II
(Suíça)

Pedras para acendedores de METAL AUER legítimo

COM PATENTES DE INVENÇÃO — MELHORES E QUE MAIS CHISPAS FAZEM

Grande sortido de acendedores e isqueiros

ÚLTIMA NOVIDADE

O Acendedor TREFILACH qualis a 60000 gachas de eterna duração em mecanismo. Nunca muda de pedras. Não falha.

Manda-se a amostra pelo correio desde que se envie a importância e 3 pesetas, ou 600 réis.

Dirigir toda a correspondência a

EUGENIO LAMPARTER, Sevilha, S.ª Anna, 9

HESPAÑA (Único representante)

Pertumaria Balsemão

RUA DOS RETROZEIROS, 141

Telephone 2777 LISBOA 21



ÚLTIMA INVENÇÃO NORTE-AMERICANA
LUZ A GAZOLINA



UNICA QUE ACENDE COM UM FOSFORO COMO O GAZ E TENHO UM PCORRER ILUMINANTE DE 500 VELAS. APENAS CONSUME UM LITRO DE GAZOLINA EM 24 HORAS. PEDEIR INFORMAÇÕES A PARAIZO, PE REIRA & C.ª — COIMBRA



Encomende-se representantes em todos os concelhos

Ourivesaria "CHRISTOFLE"
Fabrica só uma Qualidade

A Melhor

Para obtel-a exigir esta Marca

e tambem o nome **CHRISTOFLE** em cada objecto.




CABELOS FORTES, ABUNDANTES LIMPOS E SEDOSOS

CINCENTA ANOS DE CREDITO BEM JUSTIFICADO PERMITE AFIRMAR QUE O Tónico Amarelo com selo Viteri Preparado desde 1882 pela PHARMACIA BARRETO. — Suspende a queda do cabelo, promove o seu crescimento, dá-lhe flexibilidade e desengordura-o, acilantando o penteado das senhoas. Regenera a cor primitiva. Tira a caspa e limpa a cabeça de todas as substancias nocivas ao cabelo. Impede a calvice, conserva os frisados e ondeados. Não contém enofre. Frasco 700 réis. Para fora de Lisboa mais 100 réis para porte e registo. Deposito geral

VIGENTE RIBEIRO & C.ª - 84, R. Panqueiros, 1.ª LISBOA

Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANONIMA DE RESP. SABILIDADE LIMITADA
sobreirinho (Chomar), Penedo e Casal d'Hermio (Couzã), Valle Maior Alcazarria-a-Ueina. Installadas para produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais apertecoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de órma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. Escripatorios e depositos:

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276

CAPITAL

Ações.....	360.000\$000
Obrigações.....	323.910.000
Fundos de reserva e de amortisação.....	266.400\$000
Réis.....	950.310\$000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Mariana e sobreirinho (Chomar), Penedo e Casal d'Hermio (Couzã), Valle Maior Alcazarria-a-Ueina. Installadas para produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais apertecoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de órma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. Escripatorios e depositos:

PRTO—49, Rua de Passos Manoel, 51

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.** 18
Numero telephonic: Lisboa, 605—Porto, 117

SELOS

Remetem-se bons selos para troco a quem envie bons selos á

Ferdinand Basse
FUERTH (Baviera)

= Para que viver?

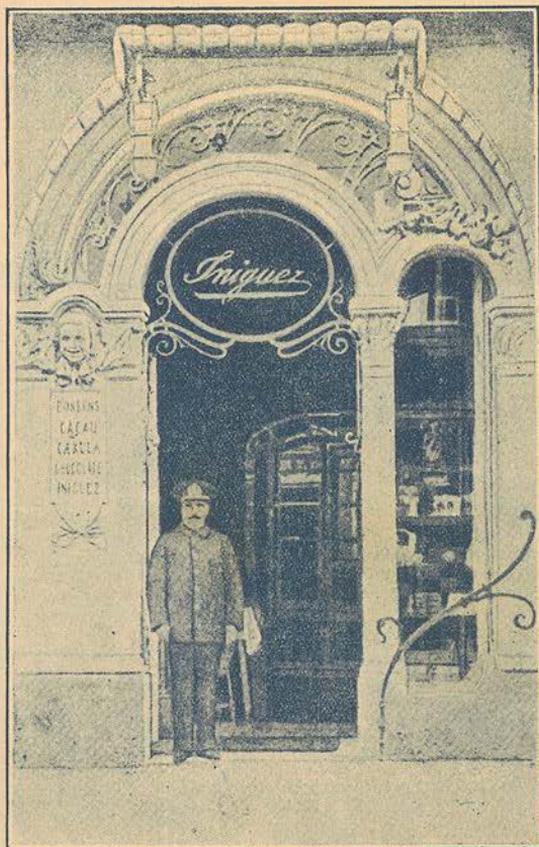
triste, miseravel, preocupado, sem amor, sem alegrias, sem felicidade quando é tão facil obter FORTUNA, SAUDE, SORTE, AMOR (CORRESPONDENCIA), GANHAR ADS JOGOS E LOTERIAS, pedindo a curiosa brochura GRATIS do vendedor YTAO, 35, BOULEVARD BONNE NOUVELLE—PARIS. 36

SUCURSAL DA FABRICA DE CHOCOLATE

INIGUEZ

TELEFONE 3:586

Objetos de fino gosto com bombons — Bombons diversos, Nougai, Praliné etc.



Serviço especial á charenta de cacau e chocolate

Seculo Comico

Semanario alegre proprio para a leitura em familia

Em todos os numeros
CONTOS COMICOS,
CARICATURAS, VERSOS
ALEGRES, ETC., ETC.

Trabalhos
tipograficos
em todos
os generos

OFICINAS DA

**"ILUSTRAÇÃO
PORTUGUEZA"**
R. do Seculo, 43

PARA ENCADERNAR A

**"Ilustração
Portuguesa"**

Estão a venda bonitas capas em percaline de fantasia para encadernar o segundo semestre de 1912, da *Ilustração Portuguesa*. Desenho novo de optimo efeito.

Preço, 360 réis.

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do correio ou selos em carta registrada. Cada capa, vaé acompanhada do indice e frontispicio respectivo.

ADMINISTRAÇÃO DO «SEculo»
RUA DO SEculo, 43
LISBOA

RUA AUREA, 279 — LISBOA

Cortez, Coelho & C.^a CASA BANCARIA

— 44, Rua 15 de Novembro —

☉ Caixa postal 50 — PARÁ ☉ ☉ ☉ Endereço teleg. MIRAN — BRAZIL ☉

Emitem saques sobre as principaes Praças da Europa, America do Norte e Brazil. Fazem cobranças de conta de terceiros. Compram e vendem Cambiaes, Coupons, Papeis de Credito etc.

Encarregam-se da administração de bens moveis e imoveis, por meio de procurações de ausentes, mediante modica comissão.

Compram e vendem moedas e papel-moeda de todos os paizes. Effectuam todas as transacções bancarias.

Steiner, Martin & C.^A

Representantes
de
casas nacionaes
e estrangeiras

PARÁ' (Brazil)

Caixa postal 328 © RUA 15 DE NOVEMBRO, 6, 1.º © Telegramas ZEPHIRO

Filial em Manaus: Caixa postal 207 — RUA QUINTINO BOCAYUVA, n.º 5, 1.º
Telegramas ZEPHIRO



Fabrica Palmeira

TELEFONE 17

SUCURSAL—Ver-o-peso

Telefone 526

Caixa Postal 206

A primeira do Norte do Brazil, montada com todos os aperfeiçoamentos, satisfazendo as maiores exigencias nos artigos de seu ramo.

SECÇÕES DE

PADARIA, CONFEITARIA, BISCOUTARIA, TORREFAÇÃO E MOAGEM DE CAFÉ, REFINAÇÃO MECANICA DE ASSUCAR, MANIPULAÇÃO DE CHOCOLATE, MOAGEM DAS FARINHAS DE MILHO, ERVILHA, TRIGO, FEIJÃO, ARROZ ETC.

Importante secção de Massas Alimenticias, onde se fabrica o afamado macarrão em pacotes, o unico que rivalisa com o Italiano, obtendo a medalha d'ouro na Exposição de Turim, em 1911. Fabrica-se tambem **Bombons, Amendoas, Cacau-Leite** em latas e sortimento completo de Biscoitos. Encontra-se á venda grande sortimento de cartonegem propria para presentes.

Rua Paes de Carvalho, n.ºs 6 a 16—PARÁ

CASA BANCARIA ^E ARMAZEM DE FERRAGENS

Moreira, Gomes & C.^a

7—RUA 15 DE NOVEMBRO—7

PARÁ

COMPRAM E VENDEM MOEDAS DE TODOS OS PAIZES



Sacam sobre todas as praças do mundo ao melhor cambio

Na Italia fazem pagamentos aos domicilios

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

IV.º 339

4-3-1913

A REPUBLICA CHINEZA:

Os tempos não correm propícios á nossa irmã mais nova. Precisamente no momento em que o presidente do ministerio portuguez é recebido em triunfo no Porto, o presidente do governo provisório da China proclama o estado de sitio em Pekin. Aos movimentos revolucionarios do sul, que paralisam as industrias e atenuam a confiança comercial necessaria á prosperidade da nação, Yuan Shi Kai, imobilizado na nostalgia da cabala doirada, opõe a mediocridade lamentavel da sua acção de estadista. O terror espregueia ás portas das cidades chinezas. Os marinheiros da esquadra internacional desembarcam em



Shanghai, na previsão de acontecimentos semelhantes aos da agitação boxer de 1900. Começa a agonia da China. A falência universal dos chefes politicos conhecidos, torna injustificada a esperança de que o vencedor, qualquer que ele seja, possa estabelecer um governo central obedecido e respeitado em todo o paiz. Dir-se-ha, n'este momento historico da «convulsão amarela», que um gigantesco martelo de bronze abate sobre uma imensa China de porcelana.

VIAGENS DE RECREIO:

A proposito dos ultimos acontecimentos, que não tiveram a importancia que se lhes attribuiu, alguns jornaes de Madrid lembram, segundo parece, um passeio do exercito hespanhol até Lisboa, «para nos salvar da situação de protetorado inglez». Trata-se d'uma



gentileza, que nos cumpre agradecer. Pena é que a Hespanha, um pouco fatigada da *partie de plaisir* de Marrocos, não tenha pernas para Portugal, que é terreno mais acidentado e mais bravo. Mas se alguma vez os hespanhoes de Filipe IV, *meus hermanos*, se sentirem com forças para uma viagem de recreio, tem debaixo d'este glorioso céu algumas coisas dignas de se ver: os campos verdes de Aljubarrota, as ter-

ras ásperas de Montes Claros, os coruchéus góticos da Batalha que a *patine* do tempo doirou, o oratorio que certo rei de Castela em vilegiatura nos deixou ao sahir precipitadamente de Portugal, e o retrato d'aquelle general portuguez, marquez das Minas, que um dia, pelos fins do seculo XVII, chegou victorioso até Madrid... É possível que nem todas estas coisas venham no Bedaeker.

A CORDEALIDADE INGLEZA:

Certo dia, a duqueza de Bedford visita as nossas prisões, e, de regresso a Londres, promove comícios descrevendo os horrores do regime penal portuguez. Hostilidade? De modo nenhum. Equivoco da senhora duqueza. Agora, o *Daily Mail*, em artigos violentos, afirma que Portugal, florescente na industria secreta do explosivo, «enche de bombas todo o mundo». Calunia? De modo nenhum. Má informação do *Daily Mail*. Por fim, lord



Landsdown acusa-nos, na camara alta, de manter a escravatura nas colonias de S. Tomé e de Angola. Malevolência? Quem pensa n'isso! Simples distração de lord Landsdown. E ainda ha pessimistas que julgam uma *blague* a cordealidade ingleza!

«A MULHER»:

A histeria coletiva das sufragistas inglesas e o movimento feminista da Italia sob a inspiração da archi-inteligente marqueza de Pelicano, dão uma viva atualidade ao ultimo livro d'esse admiravel «homem de letras» que é a sr.ª D. Virginia de Castro e Almeida. Nas paginas fortes d'esse livro passam, como n'um furdo d'ouro de iconostáse, todas as grandes figuras a quem a obra maravilhosa da redenção da mulher fica devido um gesto, um grito ou uma la-



grima. E' o agiologio da Eva moderna. E, acima de tudo, a expressão calma d'uma verdade: a mulher tem o direito de aspirar a ser alguma coisa mais do que a dolorosa e humilde «mãe do homem».

JULIO DANTAS

Ilustrações de Mameel Gustavo.

Noivado Tragico

Oh: a grande, a indizível angustia d'essa dorada e fina manhã de sol em que das coisas e das almas subia para o ceu azul uma doce prece de ternura, de reconhecimento, de gratidão! Nunca mais pura e doce claridade iluminou tanta dor e tanta tristeza! Um poema de lirismo, de inocência e de candura, transformou-se inesperadamente num dos mais intensos dramas que a fantasia de Rudyard Kipling tem concebido. Já lá vão lentas, vagarosas semanas, já sobre essa irremediável catastrophe passaram as gloriosas auroras cor de ouro e de rosa e as profundas noites consteladas e ainda hoje, se relembro o amargo, o aflitivo drama, sinto um aperto de coração! A primavera tinha chegado triunfalmente, arrastando sobre as relvas humildes ou sobre os copados arvoredos, na suavidade e na nitidez da luz, um verde manto de largas pregas estrelado de flores. No parque, á sombra tepida e aveludada das folhagens tenras, morriam as ultimas violetas evolvendo-se em aromas que me faziam evocar as derradeiras notas d'uma canção de amor expirando melancolicamente. Começavam a desabrochar nos jardins as primeiras rosas, que pareciam feitas de seda, numa sinfonia maravilhosa de cores.

Havia-as de todas as qualidades e de todos os tons, exibindo o esplendor das formas originaes e perfeitas: — amarelas, tocadas por um subtil vapor de topazios: vermelhas como se tivessem sido regadas por um sangue vivo: brancas, polvilhadas por uma neve imaculada caindo do regaço virginal da estrela de alva: roxas como ametistas. E sobre as corolas, em que se amas-



sava, se fund a toda a gama das pedras preciosas, zumbiam, fabricando o mel, as diligentes abelhas. Das folhas viçosas descia frescura, e nas brandas aragens errava a melodia inspiradora e sentimental das musicas flutuantes e maravilhosas.

A natureza formava então, na sua plena e profetica adolescencia um lindo cenario para as aparições femininas se mostrarem no encanto e na graça da sua beleza enigmatica—essa beleza que é uma das maiores seduções da vida e uma das suas maiores energias e que atraz do seu claro e sereno fulgor leva os espiritos ansiosos e alvorçados. Nos beirões das casarias arrulhavam os pombos aos ranchos: e ncs pomares, as macieiras estavam tão carregadas de flór, que se um halito mais forte da aragem passava entre os seus ramos, davam a impressão de que enxames de borboletas irisadas iam levantar vôo. Nas densas e sombrias espessuras corria e cantava a agua d'uma fonte desafiando-se vagarosamente n'uma taça de alabastro e enchendo a solidão de cantilenas romanticas e de saudosos murmurios. A terra inteira renascia, despertava do seu longo sono de inverno, tão moça, tão sadia, tão robusta, que o seu flanco inextinguível anunciava as abundantes messes e as florações, o pão e a poesia. Quem encostasse o ouvido aos troncos musgosos sentiria o ruido do ascender das seivas: e

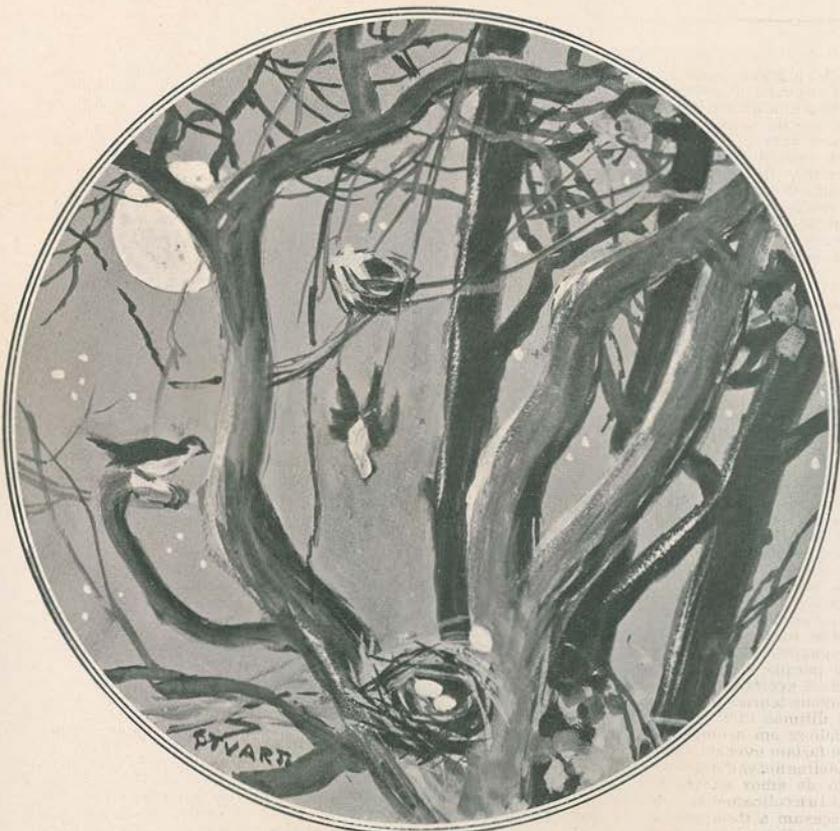
a certas horas de calor ouvia-se o germinar das sementes estalando as crostas n'uma funda ansiedade de ar e de luz. Cada sebe onde já enfloravam as espinhosas era um sitio propicio para idilios amorosos, e os ninhos adormeciam bran-

damente, no perfumado afago das ramarias.

Ora, n'um esguio pinheiro do norte, que no parque erguia a sua copa verde-nerga, notava-se um desusado, inquieto movimento. Ranchos de azas boémias cobriam-no constantemente do remigio das macias plumagens, e ao alvorecer da luz ou na doçura elegiaca do crepusculo, orquestras de passaros davam ali os seus sonoros concertos.

As aves noivavam! Da janela do meu escritorio — que as florescencias de oiro d'uma acacia perfumavam — eu observava, durante o dia, o que entre as ramagens se ia passando de extraordinario. Em cada frança flexivel, ao mar so abrigo das fo-

aves incanceavelmente trabalhavam nos seus talamos nupcias, ia eu pensando no divino misterio do amor, que tudo transigura, doura de claridade e espiritualisa, desde as almas conscientes até aos bichos, ás raizes, ás plantas, ás pedras inertes, e que a tudo comunica uma intuição poderosa e uma admiravel emoção de piedade, de gracilidade e de enlevo. Que inquietação consoladora e terna iria no palpitante e pequenino coração de cada uma d'aquelas aves que a primavera acordara para as suas nupcias no meio dos ramos floridos, ao raiar das madrugadas vitoriosas! Decerto que os passaros viveriam desvaierados na mesma exal-



lhas, se cor-struia um berço que havia de embalar, mais tarde, as vidas inocentes e castas.

Bandos de pardaes, aos pares, andavam n'uma azafama infatigavel conduzindo no bico para os pincares das arvores a palha e os farrapos — colhidos nos quintaes proximos. Para que os filhos vindouros tivessem um leito bem fofo e macio, era com infinita bondade que punham, no frouxel dos ninhos, as leves penas e as quentes hervas secas, enrolando-as umas nas outras, tecendo-as com o cuidado, a convicção e a fé com que outr'ora os construtores de catedraes elevaram para Deus as rendas maravilhosas das agulhas goticas. Enquanto as

tação, no mesmo entusiasmo, no mesmo sonho em que, na mocidade, se perdem os seres conscientes, idealizando felicidades imaginarias, regiões distantes de gloria e de paz em que o mal e o sofrimento se ignoram!

N'essa fatal manhã, porém, eu teria de assistir a um espetaculo tragico que ainda agora me faz orvalhar os olhos de lagrimas. Um pardal, ao conduzir um longo barbante para o alto pinheiro do norte, que no parque erguia a sua copa verde-nerga, deixou-o desastradamente enrolar n'uma das patas. Ao voar por entre os ramos, o fio, agitado pelo vento, atou-se n'um galho: — e princi-

piou então a luta heroica d'um encarcerado que quer recuperar a sua bela liberdade—a liberdade dos espaços translúcidos, dos horizontes desafogados, dos campos cheirosos e reverdecidos, das veigas, das searas fartas onde o trigo loiro amadurece, dos roseiraes viçosos, dos vergeis reffloridos. Batia as azas com desespero, bicava n'uma fúria o resistente cordel, piava aflitivamente—e quanto mais esforços fazia para se libertar, mais estreitava o ambiente do seu cativeiro odioso.

Costumado ás livres abaladas, ás fugas jovias n'uma terra livre, não podia resignar-se á tristiza do carcere que uma cilada lhe preparara: e redobrando de energia, debatia-se com raiva, voltava a esvoaçar, atirando n'uma tremura a pata que o laco traçoceiro não apanhara contra a gargalheira que o manietava. Por fim, extenuado, arfando convulsivamente, repousava um momento, expiando com a iris dos seus olhos dardejantes de brilho toda a arvore, no temor angustioso de algum inimigo, para d'aí a instantes recomecer, sempre em vão, o seu combate épico. Sob os arvoredos caia, rutilante, um sol de oiro banhando de fulgor as perspectivas, adejava a brisa primaveril com ligeiras azas de setim, corriam, na canção errante dos ventos, os perfumes e o som, vinha de longe o borborinho da cidade, feito de gritos, de blasfêmias, de aspirações nunca realizadas, de ambições, de coeiras mal contidas, de exclamações, de risos.

Em baixo, nos canteiros, as pionias pareciam cortadas n'uma carne fresca e sangrenta, abriam os lilazes e os lírios brancos que dir-se-iam talhados n'um marmore sem veios, exalava-se das roseiras uma fragrança capitosa e perturbadora. Por toda a parte a festa da natureza entoava o seu hinario de confiança, de esperança e de jubilo, indifferente ao drama lancinante que se estava representando no galho impassível de uma arvore onde já os ninhos felizes cantavam o poema dos amores fecundos e venturosos:—e da minha janela, na impossibilidade de abrir as portas da prisão a uma ave sem culpa, justo Deus, eu seguia, angustiadamente a sua impotente batalha contra o Destino que nem sequer poupa as azas sem macula, talvez para que a dor se estenda a tudo que, na realidade do Universo, vive, ama e sente! Durante horas inolvidaveis essa batalha sem tregos se feriu, entre o passaro cativo e o cordel que o amarrava ferrozmente ao seu potro de tortura, sempre com insucesso. Por fim, as forças dispendidas, a fome e a sede, venceram o lutador, que ficou esperando a morte com uma serenidade de predestinado. Deixou-se cair, de cabeça para baixo e azas abertas, ficando suspenso do fio, e piando lamentavelmente.

Ah! tanta vida, tanto amor, tanta alegria, nas luminosas alvoradas em que a luz o surpreendia pelas ramagens verdejantes, para que ele sa idas-se a ascensão triunfal do sol que trazia á terra o seu imenso beijo creador! Como acabava desgraçadamente! A primeira semana de noivado da

ave desditosa que lentamente agonisava, deante dos meus olhos atonitos, fóra deliciosa! Em companhia da noiva, chalará sobre os telhados, vagabundeára pelas lucidas atmosferas que a luz fazia resplandecer, dormira nas folhagens perfumadas, sonhando o futuro esplendido dos heroes e dos corações redimidos. Galantemente levára-a a paragens que conhecia, onde os trigaes ondulavam á aragem como um mar de verdura, ensinara-lhe o caminho dos pomares em que a fruta amadurecia e dos regatos, mandando entre flores, relvedos e musos veludosos, onde se banhavam nas aguas cristalinas. Ambos se embalavam na enganadora quimera d'um lar tranquilo em que crescessem os filhos virginaes—que depois ensinariam a voar. Do cimo das arvores, olhando a vastidão terrestre, julgaram que o mundo lhes pertencia e que, sendo enorme, cabia no entanto debaixo das suas azas. E afinal, todo este sonhar infundavel, se dissipava em nevoa e em amargura,

mal tinham começado o ninho dramático em que haviam de esconder, comovidamente, o seu amor!

Na tragedia—que estou narrando sem a sua verídica intensidade, porque não ha na linguagem humana palavras com o relevo, a vibração, a violencia, o ritmo, a potencia expressiva, que lhe transmitam a sua completa e flagrante verdade dolorosa—houve um episodio que a tornou ainda mais pungente. Ao cabo de asperas horas de luta, a femea do pardal prisioneiro voltava dos campos com uma palheira no bico. Ao deparar o companheiro da sua ternura e da sua submissão enroddado no cordel que o atava á morte, poisou junto d'ele, assustada e n'um grande alvoroço. Seguiu-se um dialogo entrecortado e soluçante e pareceu-me entender nos pios delucados a paixão e o padecimento dos gemidos, dos gixumes humanos. Nunca mais o abandonou um só instante, com uma abnegação sublime de

esposa sacrificada á fatalidade! Assstiu tristemente ao demorado supplicio, mirando o noivo atormentado com um olhar de inenarravel magoa, espuçada de tudo, na melancolia das suas vivuas caricias e das suas mortas felicidades!

Na manhã seguinte, o pardal jazia já hirto e imovel, balouçando-se como um farrapo ao vento: e a femea, com uma constancia incomparavel, ainda permanecia junto d'ele, carpindo-se no seu piar lugubre, esperando—quem sabe?—pelo milagre de uma resurreição! Por cima, n'um ramo delgado, estava o ninho que a morte inesperada não deixára coocluir—refugio inutil e abandonado de uma illusão de amor que se perdera a meio da vereda da ventura!

JOÃO GRAVE.



O GOVERNO NO PORTO

O chefe do governo no foi ao Porto a convite da comissão administrativa municipal afim de receber na capital do norte as homenagens pelos benefícios prestados com a apropriação de Leixões a porto comercial o que constituia uma velha aspiração dos portuenses. Acompanhado pelos ministros do fomento e da instrução e pelo presidente da Camara dos deputados desembarcou em Campanhã onde lhe fizeram uma grandiosa recepção prolongando-se as manifestações até á Praça da Liberdade e



chefe do governo sr. dr. Afonso Costa á saída da estação de Campanhã.

depois do Correio geral até á praça da Batalha sendo tambem muito vitorioso o ministro do fomento.

A recepção official no Municipio foi brilhantissima sendo muito aplaudido os discursos do presidente do conselho e do sr. Simas Machado.

As manifestações continuaram sempre e ao sr. dr. Afonso Costa foi oferecido um almoço intimo no Restaurant Comercial e um passeio fluvial no qual tomaram parte muitas embarcações conduzindo milhares de pessoas. Em Matosinhos realizou-se um gran



A passagem do cortejo em S. Lazaro: o sr. dr. Afonso Costa saudando a multidão.



de banquete; no Centro Democratico foi inaugurado o retrato do chefe do governo e no teatro Sá da Bandeira houve uma recita de gala durante a qual se festejaram entusiasticamente os ministros.

Tambem houve uma parada dos alu-

nos de instrucão militar preparatoria e exposicão de labores na escola normal do sexo feminino. O chefe do governo, no seu regresso, dirigiu-se para a Granja onde tomou o comboio, furtando-se assim ás manifestações de milhares de pessoas que haviam acudido a S. Bento.



1. Um aspecto do embarque na Ribeira.—2. A lancha que conduziu o sr. dr. Afonso Costa a bordo do *Berrio*.



O desembarque do sr. dr. Afonso Costa no Posto de Desinfecção de Leixões, tendo ao lado o presidente do Município sr. Adriano Augusto Pimenta.



O desembarque em Leixões—(Clichés do sr. Alvaro Martins)

Virgem do Desejo



Composição que obteve o Terceiro Premio no «Curso de Sonetos d'Amôr da Ilustração Portuguesa»

Fôsse eu, na tela, um Goia surpreendente,
Fôsse eu pintor, e, em rúbido lampejo,
Pintaria a imagem do Desejo
Na copia do teu busto adolescente.

Do brilho d'esse olhar macio e quente,
Tocado de ironia e de motejo ;
D'esse riso vermelho, que eu invejo
Para vencer no amôr bizarramente ;

D'essa bôca, talhada em lindo geito ;
D'esse côlo em segredos, a tremer... ;
Tiraria o modelo ideal, perfeito.

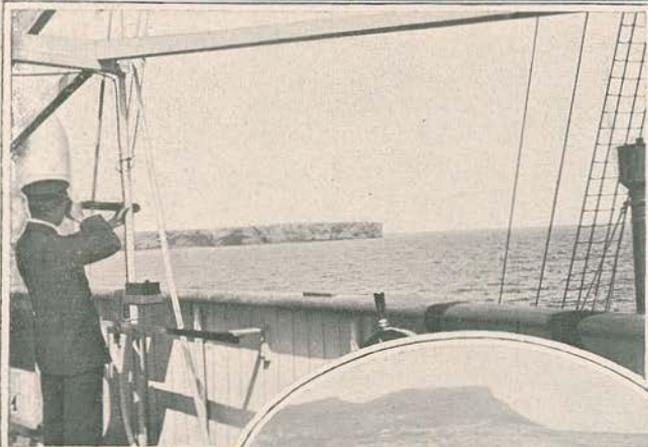
E, n'este sonho de te amar e ter,
Poria, em vez de espadas, no teu peito,
Um cravo d'ouro, como um beijo a arder..

Vila Franca de Xira.

JOÃO DE SOUZA.



Uma Viagem a Tanger



Tanger, a velha cidade do domínio português, começa hoje a viver sob a lufada da vida franceza que chegou após a conquista de Marrocos.

Sendo no Mediterraneo um futuro emporio, bem merece que se registre a sua transformação de velho burgo arabe em moderna cidade.

O nosso photographo sr. Benoit, que esteve em Tanger, algumas horas descreve-nos a viagem até essa região e a situação da antiga possessão portuguesa.

E' ao sabado que os paquetes holandezes da Rotterdam Line largam para Tanger e foi por uma madrugada linda, toda cor de rosa, d'esse fim de semana, que entrei a bordo do «Tombora» que os creados malaios andavam baldeando.

Os malaios são ali os executores do aceio holandez. Vindos das indias neerlandezas,



habitados n'aquelle regimen tradicional, eles com os seus fatos brancos e as suas sandalias cor de limão, a pele abaçanada, o olhar vivo, teem alguma cousa de muito pitoresco e agradável.

Come-se a manteiga holandez, natas batidas a bordo, ainda com o olhar fixo em Lisboa; serve-se o ultimo gole de café e o barco larga para terras de Marrocos onde o crescente mingou e a musica d'Offenbach soa nos concertos á hora em que o muezzin solta o seu canto na mesquita alva.

Alemães e holandezes guturalmente louvam Lisboa com a sua tarja nacarada pela vaga luz d'aurora como uma Venus surgindo da sua concha; mulheres n'uma revoada alegre encostam-se á amurada e aquilo começa já a



ter um ar de intimidade ante as primeiras perguntas dos estrangeiros acêrca dos edificios, dos jardins, dos navios e da politica.

Até ao Cabo de S. Vicente em que os olhos se perdem ante a ponta de Sagres, a vida decorreu n'aquella paz d'um belo e acceado barco holandez onde se come e se olha o céu, se conversa de ne-



gócios e cousas calmas.

Ali foi a epopêa que surgiu d'iante de Sagres e da cerveja loura.

E por momentos ante as barrigas obesas dos alemães, as barbas ruivas, as caras pascaes, onde brilhavam olhos de louça, uma figura se evocou, a do infante D. Henrique, que era na sua grandeza como o vulto negro que do cabo chega-



1. O lado Norte de Tanger.—2. Como os francezes fazem soldados.—3. A servidão indigena.—4. No Marchand: O novo bairro de Tanger. A civilisação ao lado do atrazo. Parisienses defronte dos indigenas.

va ao céu. Eles aplaudiam com «yas» e falavam d'essa Tanger, apesar de tudo e contra a sua vontade, hoje franchezza, para onde iam e onde os portugueses dominaram.

O Algarve vae desaparecer: os seus montes perdem-se; o mar é mais forte, a onda

leve, pronto a acordar ao ruído das suas baterias.

Dentro em pouco saltaremos em Tanger, onde mouros e judeus com os seus «fez» e os seus alburnozes veem em barquitos a remos assaltar os passageiros do navio holandez a quererem vender-



mais viva e vae-se dormir para na madrugada se passar o estreito e adivinhar-se Gibraltar como um leão dormindo á entrada do Mediterraneo mas dormindo com o sono

lhes mercadorias e leval-os para terra.

Mas o quê?! A troco d'um scheling embarca-se no gazolina enquanto o barqueiro vae pedindo um duro. E isso é agora por-



1. Um xerife levando sua filha para bordo do *Rembrandt* que a conduzia para a civilização.—2. Mouras tirando agua do poço classico n'um bairro que nasce civilizado.—3. Na rua principal de Tanger que as taboetas francezas já invadiram.

que quando o mar está bravo quasi nos pedem o preço de quem nos salvasse a vida.

Diante da terra de Tanger fundeia o «Pelayo» pela Hespanha e tremula o pavilhão d'um cruzador francez.

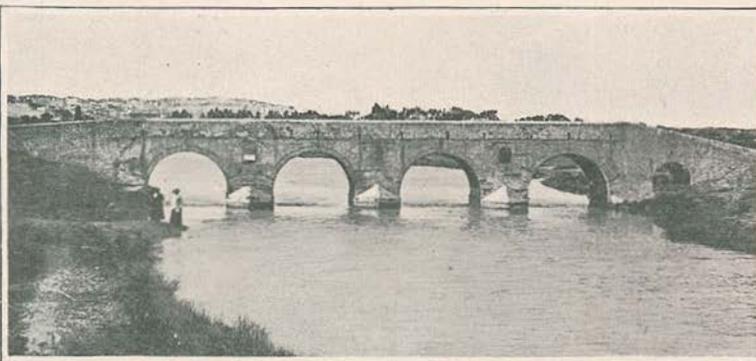
E' Tanger! Tanger da conquista! Tanger do abandono!



No Soko Grande. A saudação a um mouro de categoria

vilas e palácios; o Instituto Pasteur já tem o seu edificio, o bairro europeu do Marchand surge novo e alvo no topo da cidade enquanto as casarias arabes parecem acachapadas sob a sua garra moderna.

Mesquitas, tribunaes, casas dos



Um resto do nosso dominio: A ponte Portugueza

Agora uma larga faixa já roubada ao mar indica uma futura grande avenida marginal onde se passearão as mundanas de Paris nos seus «autos» quando chegar a hora de Tanger ser a colonia do luxo e do socego. Já se esboçam casinos e hotéis, já se constroem



Trabalhos a bordo.

mouros são o passado. Aquilo que os nossos olhos contemplam assombrados é o futuro como é o passado, a moura de rosto coberto, o indigena prostrado na poeira diante do rico e do sacerdote enquanto a civilização passa nas pessoas garbadas das

parisienses, marselezes, francezas emigrantes; e os gramofones roncam as cançonetas da Guilbert.

Estamos na civilização. A alfandega o

demonstra.

Da ultima vez que ali estivemos o mouro sorridente de olhos maliciosos foi d'uma gentileza de bom hospitaleiro. O francez, porém, será o cumulo da galanteria, homem da Europa em terra d'Africa, para nós europeus.

O funcionario faz-nos despejar o conteúdo de todas as malas desde a das joias vulgares de uso ás das roupas, remexe, remira, quer fazer um exame ás joias. Pois bem. Nada de estragar essa visita a Tanger onde as hostes de Afonso V entraram de

vo para o Soco Chico e depois para o Soco Grande até que entramos no Marchand, o bairro dos ricos europeus a cuja beira se fizeram as casas dos mouros opulentos a onde predominam as vilas dos

israelitas cuja colonia é poderosissima na cidade.

Ameio do bairro elegante o Instituto Pasteur acabou de construir é a nota da ciencia n'essa cidade africana que vae dia a dia a desenvolver-se e onde os touristes já acorrem curiosos emquanto o Baedeker faz a sua edição dedicada á terra mourisca.

Uma avenida, que tem o dobro da nossa, está, no topo do Marchand que os jardins e a casaria embelezam. De quando em quando vê-se o indigena no chouto do seu gerico, envolto no seu alburnoz, sonhando á soalheira, parecendo não se admirar d'aquella prosperidade do cristão.



As mouras com os seus trajos característicos: Rostos que se occultam aos olhos dos invasores.

lança em riste e os francezes com as pautas aduaneiras pesaditas.

Para as malas ficarem em transitio é uma tragedia. O sol d'Africa frigiui em parte a galanteria gauleza.

E' o que pensamos montados no macho cilhado de vermelho que nos leva pelas calçadas arranjadas de no-

E' muito difficil saber se o mouro ama mais o hespanhol do que o francez. Adivinha-se que preferiria o inglez que não lhe teria devassado as crenças nem postergado as hierarquias dos seus como succedeu com os Budhas e com os rajahs da India.

A civilização entretanto marchará. A terra é boa e vae-se desenvolvendo estan-

do-se a vender em talhões por altos preços. Quintas que valiam dez contos foram vendidas por setenta e oitenta contos que serão passadas mais tarde por fabulosas quantias.

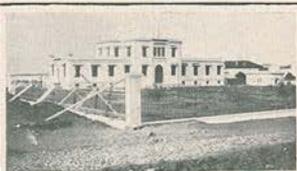
Os israelitas sobretudo tem feito grandes negócios



No Soko Chico, Mourinhos que vão para a aula

ga também com a civilização franceza e o arabe, sentindo o israelita e o francez, vae sempre sobre o seu burrico pensando em Allah e amando o seu xerife.

Um d'elles passou á nossa vista por entre os respeitos dos mouros e foi levar a sua filha a bordo do *Rembrant* onde embarcamos também, a fim de se



O edificio do Instituto Pasteur na terra conquistada

d'esse genero e também a sua raça sobe em prosperidades. Assistimos ali a um casamento de família rica o que constitue sempre um acontecimento entre a colonia.

A noiva é transportada de noite de sua casa para aquela onde se realisa a boda no meio de cirios acesos e entre canticos, ela, com o seu fato rico bordado a ouro, o trajo tradicional coberto de joias, os cabelos soltos e sobre ela um pequeno turbante, avança para o tala-mo de tapeçarias onde recebe as felicitações. O rabino liga-a ao seu escolhido e a felicidade vae começar n'aquelas lindas casas modernas dos israelitas no bairro tangerino do Marchand. A riqueza che-



Um beilinarino indigena (Cliché Johan)



Joshua Benotiel

curar d'uma enfermidade em Inglaterra. No olhar do mouro havia uma grande tristeza que tanto podia ser pela pequenita como pela sua terra onde o francez o encara sobreceiro sem respeito pelo seu caracter sagrado, sem vene-



A entrada do Casbah, o velho tribunal mouro (Cliché Johan)



O Soko Grande com o seu solo já arranjado á moderna. (Clichés de Benotiel)

ração pela sua idade como fazem esses inglezes excellentes que a bordo do navio olhavam também com magua para a terra de Marrocos.

Depois de novo os malaios, o aceio de bordo, a manteiga holandeza, uma bela visão em Sagres e o Tejo, n'uma madrugada azul calmo como começa a ser a vida na Tanger conquistada.

Joshua Benotiel.

A EXPLOÇÃO DAS BOMBAS NAS ESCADINHAS DO MONTE



As bombas continuam fazendo vítimas. A um bando de creanças que andava brincando nas escadinhas do Monte foram oferecidas por um rapasito, aprendiz d'empalhador de cadeiras, duas bombas de pinha, do genero antigo, que os pequenitos deliberaram ir vender



um prego e dando-se n'esse momento uma formidavel explosão ficando feridas as crianças e tendo morrido uma após a operação de laparotomia feita no hospital de S. José.

Tres ficaram gravemente feridas e só uma poude recolher a casa sendo mais



ao ferro velho o qual não as quiz mercar. Os pequenitos foram então brincar com os envulcros buscando abrir um d'eles com



umas vítimas a juntar ás já numerosas que os explosivos nos ultimos tempos teem causado.



Regata no Rio Douro



Promovida pelo Sport Club do Porto, realisou-se n'um dos ultimos domingos uma regata de guigas a quatro remos e *canots*, em que tomaram parte o Sport Boat Club e o Club Naval de Lisboa. Foi uma festa encantadora, que chamou ás margens do Douro concorrência extraordinaria, para



1. Guiga com os tripulantes do Club Naval de Lisboa.—2. Guiga composta por tripulantes do Sport Boat Club.
3. Aspecto da quinta das Laranjeiras onde se fez o desembarque (1); o recinto reservado para o *lunch*.

que as senhoras do Porto e Gaia deram largo e interessante contingente.

Primeiro efetuaram-se as corridas de guigas pelo Sport Club do Porto, que decorreram animadissi-



mas, sendo no fim servido um magnifico *lunch* a corretores e convidados na quinta das Larangeiras, recanto poetico e gracioso da beira-rio, entre o Aranhão e Avintes.

Realisou-se depois a corrida de guigas entre o Sport Boat Club e o Club Naval de Lisboa, ficando este ultimo vencedor.

Seguiu se a corrida de canots, chegando em primeiro logar a *Kittum* do sr. Humberto da Fonseca, a quem o publico fez uma ovação calorosa. O premio foi conferido á «canoto»



Ignéz do sr. Pedro de Araujo Junior.

No fim das corridas foram distribuidos aos vencedores medalhas e taças.

O desembarque, como a partida, fez-se na Ribeira, em frente ao Sport Club do Porto, terminando a bela festa por um jantar no Palacio de Cristal, oferecido pelo sr. Pedro de Araujo Junior. Na vida tedienta e monotonica que os portugueses tem atravessado n'este escaldante verão, esta regata constituiu uma nota simpatica e estrepitosa de animação e alegria.



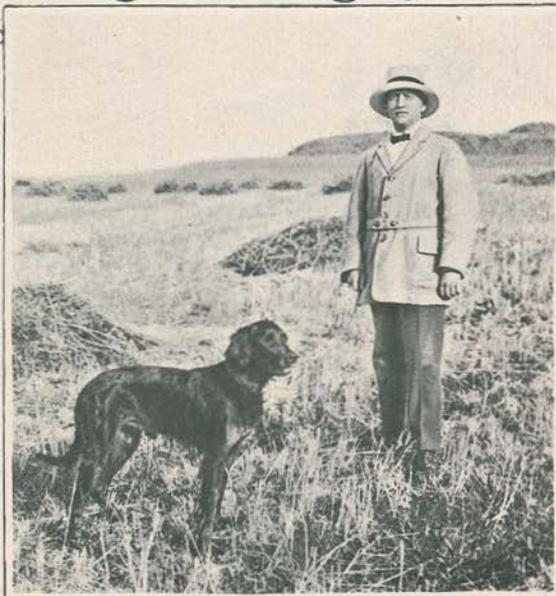
1. No fim do *lunch* ao ser servido o *champagne*: 1. Representante do ministro da marinha; 2. Presidente do Sport Club do Porto, dr. Macedo; 3. Representante do Club Naval de Lisboa; 4. Secretario do Sport Club do Porto, sr. Alberto Bfarbosa.—2. Timoneiro, vogá e tripulantes da guiga vencedora pertencente ao Club Naval de Lisboa.—3. Aspéto do desembarque em frente á quinta das Larangeiras.—(Clichés Alvaro Martins)

= CAES DE CAÇA =

Em varios cantos de Lisboa se veemhomens vendendopequenos caes, engraçaditos, com as suas caudas em croque, as orelhas caídas, olhos vivos, sendo um regalo e um encanto.

As mulheres param para os ver; todos os olhos se fixam n'essa infancia canina que faz sorrir e enternecer. Tambem não ha como as creanças e os caes para fazerem vibrar a nossa ternura. Vitor Hugo disse:

«Quanto mais conheço os homens mais amigo sou dos caes.» Isentava todavia na sua repulsa pelos seus semelhantes as creancinhas que os caes tambem adoram.



Um belo exemplar com o seu dono sr. José Antunes Monteiro.

Parece ter o instinto de tudo quanto é nobre esse animal que vem de longiquas edades amando e servindo os homens, sendo o seu guarda, o seu amigo, o batedor que vae levantar nas leiras a caça, meter-se pelos montes para desalojar-a, o que ladra nas matilhas feudaes e acompanha os reis junto dos seus couteiros armoriados.

Desde o simples caçador campo-nio que tem o seu cão para os coelhos

até ao grão-duque, cujas matilhas correm o urso, todos estão prontos a enaltecer os serviços do animal na caça.

Precisa ser educado não ha duvida mas



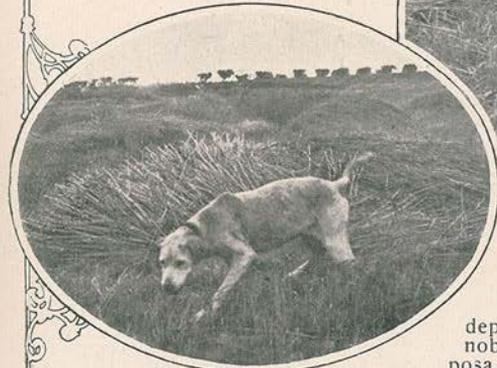


deve contar-se com a sua intelligencia entre os grandes fatores da sua carreira.

Nobre, fino, inteligente, apuradas as raças para as diversas especies de caça é sabido que se póde contar com ele. Não arrepia caminho seja o cão das velhas estirpes ou o da criação ingleza como o «setter», o «pointer», o «gordon». A educação do cão que corre atraz da caça consiste em ensinar-se-lhe a seguir o rastro, tanto em terra como na agua, de toda a peça abatida ou ferida e é vêr como o belo animal, depois de estar apto para a tarefa, isto é



O caçador com os seus cães.
(Clichés do sr. José Continho, de Vila Franca)



Busca... busca...

depois de se lhe cultivar o instinto, cumpre nobremente a sua missão, seja caçando a raposa nos matos, seja correndo o veado na esperança d'um regabofe, de boa pitaença.



No rastro d'um coelho—Cliché do sr. Arnaldo Rodrigues.

E' um lutador desesperado; não tem manhas mas sim audacias; não vae pela astúcia mas por uma linha direita e se por vezes se esconde para surpreender tem depois a lealdade de se bater com o inimigo.

Tambem não ha animal que mais mereça cuidados e carinhos, depois do cavallo, que o cão das varias especies que existe por toda a terra, auxiliar poderoso do homem na caça, na guarda dos rebanhos e até na guerra.

O cão que no monte S. Bernardo vae ser o guia do viandante perdido nas geleiras e o seu salvador,

fronteiras o contrabandista e ajuda a policia a filar os vadios, fazendo a caça ao homem com o mesmo ardor com que no campo segue a verdadeira presa, o animal inferior.

Assim tem atravessado os seculos na sua missão d'utilidade o cão, que, por mais abandonado, tem sempre alguma cousa de bom para quem o afaga e o protege e ás vezes mesmo para quem o escorraça.

E elle é muito fiel mas Alexandre Dumas achou o maximo



Crack, Joe, Elsie



A lavagem dos cães— Clichés do sr. Arnaldo Rodrigues)

tambem nas filas dos atiradores nas batalhas vae buscar o que vê cair e leva as munições dos soldados aos pontos mais arriscados; persegue nas

d'essa fidelidade ao vê Sarah Bernhardt, então quasi esqueletica, com o seu grande cão aos pés e exclamando:

—O cumulo! O cão guardando um osso!

A Ilustração Portuguesa no Brasil

PARÁ INDUSTRIAL



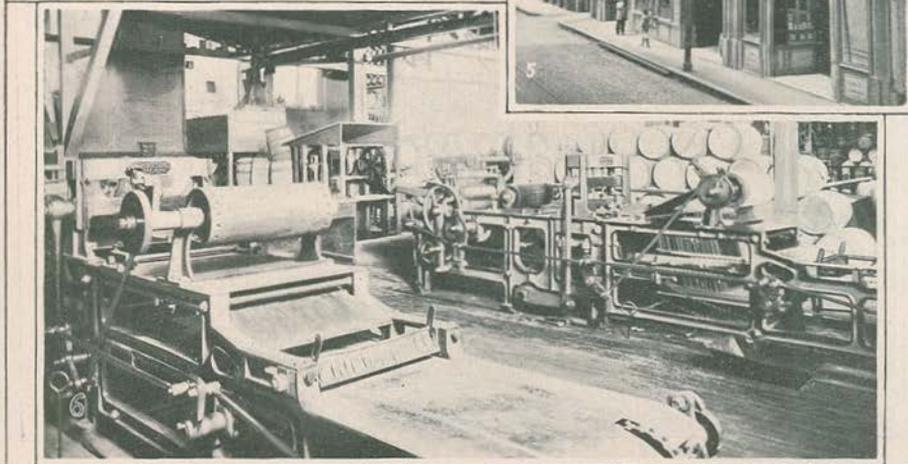
1. João J. Correia sócio da casa e atualmente em Portugal — 2. Sr. Vicente da Cunha Azeitas o atual sócio gerente — 3. Sr. José M. Carrero também da gerencia — 4. Sr. Alireto M. de Carvalho Dias sócio da casa atualmente em Portugal

II

No nosso ultimo artigo sobre a industria pa-raense demonstrámos que a influencia da colonia portugueza é enorme no seu grande desenvolvimento. Assim é que a maioria das fabricas do Pará é propriedade de patricios nossos, que honrando a sua patria no estrangeiro, contribuem para a grandeza de um paiz amigo.

A industria de biscoutaria, padaria e confeitaria no Brazil está de tal fôrma modernizada, obedecendo ao espirito inventivo dos especialistas do genero, que não temos duvida em afirmar que compete com os melhores centros industriaes europeus.

O Estado do Pará pôde ufanar-se de possuir uma fabrica digna de ser visitada por todas as pessoas que apreciam e sabem avaliar quanta soma de esforço representa a montagem de um estabelecimento como o da importante Fabrica Palmeira. Fundada por portu-guezes, tendo 100 operarios e 22 caixeiros,

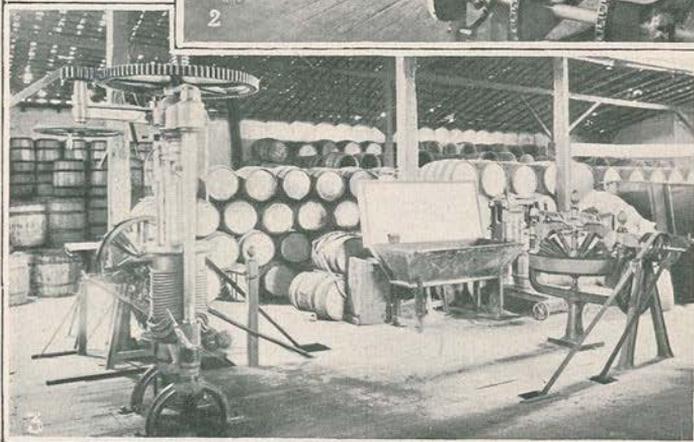
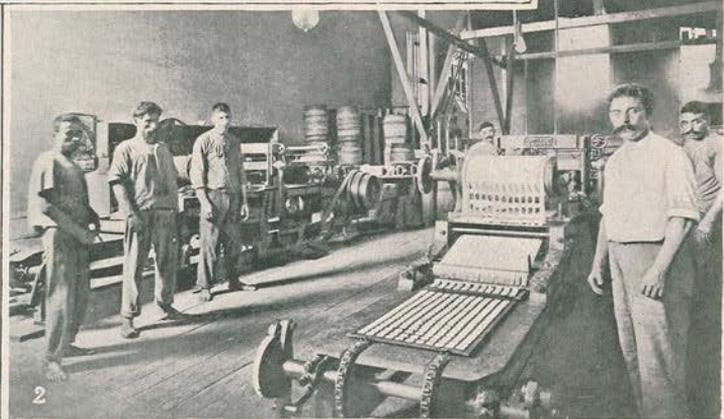


5. Edifício da Fabrica Palmeira — 6. Maquinas para o côrte de bolachas e biscoitos



veira de Aze-meis, se deve a criação da fábrica, que tomou o incremento que hoje tem pela iniciativa dos seus socios Jorge Correia e Alfredo Marques de Carvalho Dias, de parceria com os socios mais modernos, José Manuel Carroero e Vicente da Cunha Areias.

patricios tam-bem, é uma das mais acre-ditadas firmas da nossa colonia do Pará. Desde 1892 até hoje, a Fábrica Palmeira tem passa-do por impor-tantes melho-ramentos. A energia do sr. Manuel Fran-cisco Jorge, natural de Oli-



O belo edifi-cio, situado na rua Paes de Carvalho, 6 a 16, ocu-pando uma area de 500 metros quadrados, é dos mais perfeitos. Ali estão insta-lados os grandes depositos, ma-quinas aperfei-çoadissimas, ser-viço de manipu-lação e embala-gem, estufas pa-ra a conserva-ção dos produtos, sa-lões de venda a

1. A seção d'embalagem—2. A máquina cortadora funcionando—3. Máquina para o fabrico de massas alimenticias, deposito de mercadorias tendo ao fundo a seção de tanoaria a vapor



mas prescrições higienicas. Duas enormes maquinas dão a força motriz á grande laboração diaria. Todo o maquinismo está montado de maneira a que os produtos da fabrica são apreciados em todo o Estado e nos Estados mais proximos.

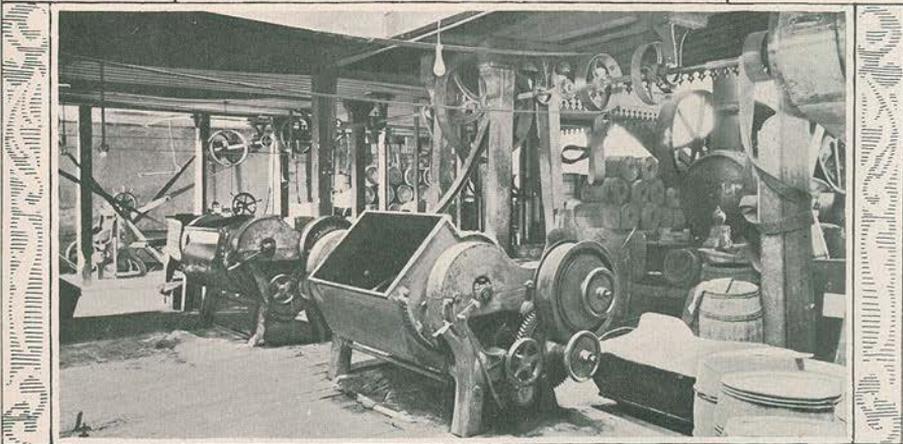
A importação anual da farinha de trigo é de 5.000.000 de kilos, empregados com exito na confecção de massas alimenticias



retalho e escritório. O primeiro andar é destinado ao fabrico de massas alimenticias, caixas de madeira, latas de folha de Flandres para a bellissima embalagem da bolacha e macarrão. E' interessante ver a presteza com que estes serviços são feitos. O pessoal empregado vem todo da Europa habilitadissimo. Mora no mesmo edificio da fabrica, sugeito a modernissi-



pães, biscoitos, bolachas, doces, em todos os artigos que podem rivalisar com as fabricas congêneres do sul da Republica e do estrangeiro. A farinha que entra nos grandes armazens da Palmeira é rigorosamente analisada, tendo preferencia as seguintes marcas; Alva 1 e 2, Nobreza e Alcantara, vindas dos importantes centros moageiros da America do Norte e da Re-



1. Medalha d'ouro ganha pela fabrica na exposiçáo de Turim—2. Reverse da medalha—3. Secção de obras de folha—4. Maseiras e cilindros mecanicos para o confeccionamento de massas para todas as qualidades de bolachas e biscoitos



publica Argentina. O assucar é importado de Pernambuco e Bahia, regulando o seu consumo de 20 a 30 toneladas por mez.

A Fabrica Palmeira impõe-se. Inda não ha muito que colocou no mercado a bolacha *Maria*, tendo já o consumo de 150.000 k anuaes. O fabrico do chocolate manipuladido com o superior cacau da Amazonia, foi tão bem aceito



que atualmente vende 40 toneladas por ano.

A atual gerencia da Palmeira não se poupa para tornar bem conhecidos os produtos de tão importante estabelecimento fabril. Ela é um documento indiscutível do quanto vale a energia dos portuguezes no abençoado torrão que os adotou.

Pará, Julho 1913.

José Simões Coelho.



1. Salão de vendas a retalho de biscoutaria e padaria.—2. O diploma conferido à fabrica na exposição nacional dos Estados Unidos do Brazil em comemoração do centenario da abertura dos portos ao commercio internacional.—3. Salão de vendas a retalho de confeitaria e botequim

No extremo norte de Portugal

(Do Peso a S. Gregorio)



Ponte internacional em S. Gregorio

A' tarde, em pleno mez de julho, quando os cravos ensangüentam os muros dos hortejos, — é agradável abalar em direção a S. Gregorio.

O veículo, tirado a dois finos, nervosos cavalos, roda serenamente sobre um *micadam* lavado, batido de sol. Atravessada a pequena ponte, — onde delicado regato se escoa por entre rosarios de redondos, polidos seixos, — pinheiros esguios, de cor verde azeitona, acolhem, n'um requinte de fidalga gentileza, os transeuntes com a sua sombra protetora, amavel.

Bouquets de flores silvestres pintalgam, *mancham* n'uma orgia de coloração forte, bisarra, as leiras, que se estendem por ai fóra. Do alto da estrada, após ligeira curva, enorme veiga se desenrola até a vista poisar na fita de montanhas que abraça carinhosamente o Peso. A' esquerda, a via publica, que dá acesso ás termas, com seus hotéis e habitações indigenas.

Acolá, o casarão da Quinta do Peso, onde lindas rosas chá se entrelaçam voluptuosamente pelo frontispício do hotel como que tentando, n'uma ancia revolucunaria, esconder maliciosamente o braço de visconde, que encima o velho solar.

E' a religião do Belo em guerra aberta de extermínio ás velharias.

A' direita, a povoação raiana — *Arbo*, sobranceira ao rio.



Um rebanho na serra entre Melgaço e S. Gregorio



1. Port: voltada para a Galiza em Melgaço

Da nossa margem, ci-
prestes, grandes d'alti-
vez, postam-se á entrada
de vetustas residencias
solarengas. No fundo, se-
guindo um carreiro borda-
do de fetos, o manan-
cial milagroso das aguas
mineraes. Para além, de-
ixado os vinhedos que se
agacham medrosamente
pelas leiras, surge a en-
carroada torre do castelo
de Melgaço. Mais alguns
metros percorridos, n'um
apice, eis-nos no lugar de Prado. Quintas e po-
mares, propios para almas floridas de ventura,
vão ficando presos ao nosso olhar apaixonado.
Deixemos Melgaço, com os predios a debruçarem-
se sobre a corrente do *Minho*, e tomemos a estrada
que segue para o extremo norte da patria lusitana.

Cristos, de rosto macerado, incutindo fé ao vian-
dante, e alminhas que penam n'um inferno de tos-
cas, inesteticas figuras, em profusão, se deparam.
De *Marelhe*, olhando para baixo, descortina-se
magesoso panorama.

Lá está, emergindo d'entre viçoso ramalhete de
verdura, a freguezia de *Passos*, salpicada de imen-
sas casões escuros. Por toda a parte aqui, ali e
acolá, se divisam canteiros cuidadosamente ama-
nhados. Uns retangulares, taboleiros arrelvados que
amaciam a retina; outros em quadrilatero, tapete
policeromo. E' o verde do linho; o matiz aloi-
rado do centeio que está a pedir a *sega*.

Ao longe, na curva distante do horizonte, os
campos parece que cabem em mão fechada.

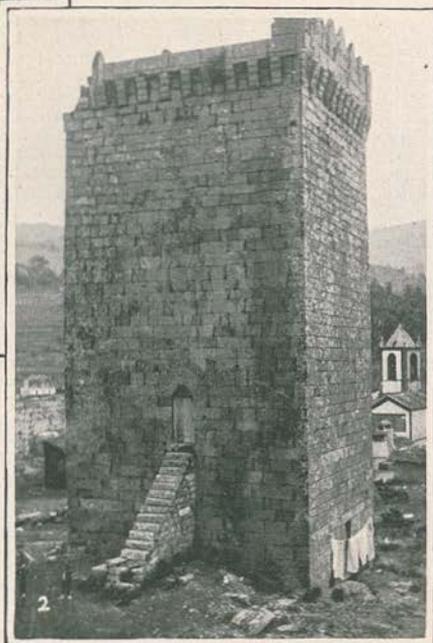
Circunda-os a vinha baixa, que oscula
levemente o solo abençoado, ou a cheirosa

madresilva que se enovela em ouriçada
cabeleira, pontuada de negras, apetitosas
amoras. *Vis á vis*, da outra banda, a parochia hes-
panhola:—*Crescente*. O caminho de ferro do paiz
vizinho, duas fitas d'aço lusidio, contorna o rio
Minho, que nos vae amigavelmente separando da Ga-
liza. As telhas, de *nuanças* carregadas, batidas forte-
mente pelo reflexo solar, berram atrevidamente na
paisagem campesina.

A maior parte, representam propriedades de gente
que, quando *menina* e *moça*, de-
mandou aos *Brazis* em busca
do ouro alme-
jado.

A agua espa-
dana-se, preci-
pita-se ás cata-
dupas monte
abaixo. *Silhu-
etas* de cacho-
pas, de formas
esculturas e
olhares provo-
cadores, agar-
tados, formi-
gam nas agras,
em quanto, —
mais adiante, —
rapazes, desca-
radamente,
com ligeirezas
de acrobata,
rebolam-se á
vontade na rel-
va.

A' nossa fren-
te, de ponto em
branco, S. Gre-



2. Castelo de Melgaço



3. Ponte de Mouros em Melgaço



gorio. A' entrada meia duzia de casitas alinham-se. Esta povoação teve em tempos d'antanho grande movimento comercial com os *pueblos* fronteiriços. O comboio galego, depois, deu-lhe o golpe mortal. Então, mantinha estabelecimentos importantes como demonstram os predios construidos n'essa epoca. A rua *Verue*, a mais movimentada da terriola, desce por escabrosa ladeira á ponte internacional sobre o rio Trancoso. Das janelas das casas cravos rubros fitam atrevidamente quem passa. Castanheiros seculares, de fron-

dosa ramaria, trepam ousadamente encosta acima. Calcurriando alguns metros de piso escorregadio, estamos na ponte. Meia duzia de velhas, desmanteladas taboas ligam-nos ao logarejo hespanhol—*Ponte de Barjas*. Sob o tosco pontilhão, leques de verdura prendem-se nervosamente. E as aguas, rio abaixo, n'um turbilhonar desordenado, cobrem de beijos loucos os ventres roliços das pedras.

Peso—Julho, 1913.

Domingos Ferreira.



1. Entre Melgaço e S. Gregorio — 2. O rio Minho em Peso de Melgaço — (Clichés do sr. Carlos Pereira Cardoso)

Figuras e Factos

ANGOLA—A fronteira do Barotze. — Pelo tratado com a Inglaterra de 11 de junho de 1891 ficou estabelecido que a fronteira luso-inglesa entre a provincia de Angola e a Rodezia de N. W. sairia pelo centro do leito do Zambeze, desde os rapidos de Catima-Moriro, até ao ponto em que este rio era cortado pela fronteira occidental do reino indigena do Barotze, e confundir-se-ia com esta fronteira até ao seu limite norte.

Como os limites politicos dos reinos indigenas não fossem facéis de determinar, mormente quando os grandes potentados, como era Levanica, exercem ambiciosas pressões de dominio sobre os pequenos estados vizinhos, levantaram-se duvidas sobre a extensão e dominios do Barotze, não tendo, os dois governos interessados, podido chegar a um accordo. Como assim



A comissão anglo-portugueza que collocou o pilar: capitão Turner, R. E.; tenente Costa Santos; chefe major Gordon, R. E.; chefe capitão-tenente Gago Coutinho

fosse, resolveram então submeter o caso á decisão arbitral de sua majestade o rei d'Italia, a quem, de parte a parte, foram expostas em longas, difficeis e, por vezes, duras memorias justificativas, as razões que nos assistiam, por nosso lado sendo afinal o pleito resolvido em nosso favor.

Motivos que não vem para o caso demoraram a execução da sentença arbitral sobre o terreno. A nossa gravura representa o levantamento do primeiro pilar limitrofe junto ao ponto de intersecção do meridiano de 24.º leste com a linha divisoria das aguas entre as bacias do Zaire (Congo) e do Zambeze, ponto que pertence tambem á linha de fronteira com o Congo Belga. Junto do pilar estão os officias da comissão mixta luso-inglesa que procedem á balisagem.



Grupo d'alunos da escola normal de Braga que concluíram o seu curso acompanhados pelo corpo docente e pessoal menor da mesma escola: 1. Professor sr. J. Carneiro; 2. professora sr.ª D. Maria Teresa de Lima; 3. professor director sr. Dr. A. Joaquim Alves de Melo; 4. professora sr.ª D. Teresa Fernandes Torres; 5. professor secretario sr. José A. da Cruz; 6. Amanuense da secretaria sr. Gaspar Ribeiro Carvalho; 7. sr. Caetano Daniel Fernandes da Silva; 8. sr.ª Joana Augusta dos Santos, servente.

Deixae Viver

(H's creações)



Porque matam vocês os passarinhos.
E destroem a flor, o fruto, a planta.
Com maldade precoce, que mespanta?!
Porque arrebataam ferozmente os ninhos?

Pois não será melhor terem carinhos
Para tudo que a vista nos encanta.
Certos de que a bondade é que suplanta
Os instintos perversos e daninhos?

Vejam a ave com que brand'g geito
Fabrica o ninho em afanosa lida:
Tambem lhe bate um coração no peito.

A planta pela seiva é que é nutrida.
— E' o seu sangue, — bom mercão preto.
Não ha vivente sem direito á vida.

CRUZ MAGALHÃES

(Soneto do distinto poeta sr. Cruz Magalhães de que distribuiu generosamente 6000 exemplares pelas escolas primarias.)

ALMA INQUIETA, (novo livro de crônicas)

Joaquim Manso, desde a época em que escrevia sempre com o mesmo nobre estilo d'agora «O Comentario», é um artista inconfundível. E' o critico com suavidades de forma e pontos de vista originaes, com uma filosofia quasi carinhosa por vezes.

A sua vasta educação, a sua paixão pela leitura, revela-se nas suas menores produções sempre cheias de encanto e onde ha muito que aprender como no seu ultimo livro «Alma Inquieta» que a critica acaba de saudar triunfalmente.



Sr. Joaquim Manso,
autor da *Alma Inquieta*.

Americo d'Oliveira foi um dos maiores agitadores revolucionarios no tempo da monarquia tendo o seu concurso para a proclamação da Republica sido dos maiores, pois n'essa obra gastou parte d'uma avultada fortuna. Não se limitou, porém, a isso a sua ação e quando rebentou a revolução bateu-se na Rotunda, tendo sido o comandante do grupo d'ali deslocado para vir defrontar-se com as metralhadoras.



Sr. Americo d'Oliveira.

Está filiado no partido evolucionista e generosamente tem defendido nos tribunaes, como testemunha, alguns acusados politicos. Ultimamente, tendo ido veranear para Alcobaca, foi preso a requisição do governador civil de Leiria, pesando sobre ele a accusação de ter dito que ao governo pertencia a responsabilidade da explosão das bombas em Lisboa, isto segundo informações officiosas, sendo pouco depois solto.



Grupo dos convivas do jantar realizado na encantadora serra da Penha, a que assistiu o Club dos Caçadores da cidade de Guimarães.—(Cliché do fotografo sr. Carvalho)



1. Major sr. Francisco de Carvalho Nogueira, que faleceu recentemente — 2. Sr. Alexandrino Maria Chaves Ferreira Velho, notário em Framunde, falecido n'esta localidade. — 3. A sr.^a D. Maria Luzitana Corrêa, viúva do sr. dr. Mammel Maria Corrêa e mãe do sr. Esquil Corrêa, correspondente do *Seculo*, em Coimbra, falecida em Pamphilos do Boão. — 4. sr.^a 1. Carlota Franco de Figueiredo, de Freixianda, esposa do sr. Inocencio Figueiredo agente do *Seculo* n'aquella localidade e recentemente falecida. — 5. Sr. Alberto Carlos Feio Folque, condutor d'obras publicas, falecido em Lisboa. — 6. Sr. Francisco Bernardo de Seixas, secretario municipal, falecido em Pinhel.

A «Ceia dos Cardeaes», de Julio Dantas, conta milhares de representações tanto em teatros publicos como em particulares sendo mesmo uma das obras preferidas pelos mais distintos amadores para as suas recitas. Ha pouco foi representada a en-



A REPRESENTAÇÃO DA «CEIA DOS CARDEAES» NA SOCIEDADE EUTERPE DA BAIÁ: 1. *Cardel Gonzaga*, sr. João Trigueiros da colonia portugueza. 2. *Cardel Montmorency*, dr. Hugo Rocha. 3. *Cardel Rufo*, Alexandrino Cardoso.

cantadora peça na Sociedade Euterpe, da Baía, sendo muito applaudidos os seus interpretes, rapazes da primeira sociedade baiana e entre os quaes se encontrava o nosso compatriota sr. João Trigueiros, filho do distinto jornalista sr. Luiz Trigueiros.



1. Sr. Tito Bettencourt, autor do livro de versos dedicado ás Fogueiras de S. João, de Coimbra. — 2. O distinto escritor sr. Alfredo Fimonta, autor do livro *Politica Portuguesa*, que tem sido muito discutido. — 3. D. Virginia de Castro e Almeida, illustre autora do livro *A Mulher*. — 4. Sr. Bento de Mantua, o illustre dramaturgo que acaba de publicar o seu segundo volume de teatro.

Foi creado o ministerio da instrução publica e nomeado para a respectiva pasta o sr. dr. Souza Junior que vae montar todos os serviços relativos á instrução ligando os seus varios ramos á excção dos cursos militares e navaes.

Começou o ministro a sua tarefa pelas visitas a varios estabelecimentos d'ensino como as escolas normaes, faculdades de letras e ciencias e ou-



Visita do ministro da instrução ao liceu Camões. (Cliché de Benoliel)

tras escolas superiores assim como os liceus onde assistiu a varias aulas e viu diversos trabalhos dos alunos.

Acompanhado n'estas visitas pelo pessoal do seu gabinete e pelo director geral sr. dr. João de Barros o ministro da instrução publica tem colhido elementos para a reorganisação nacional.



O aviador português, sr. D. Luiz de Noronha, foi vítima d'uma pneumonia apanhada por ocasião das festas da cidade, quando caiu á água com o seu aeroplano, fracturando também um braço e recolhendo



em estado grave ao hospital de S. José, onde faleceu. O seu funeral constituiu uma verdadeira manifestação de saudade dos seus amigos e admiradores que lamentaram o desaparecimento da sua moçidade arrojada.

1. D. Luiz de Noronha.—2. Aspéto do funeral do aviador sr. D. Luiz de Noronha.



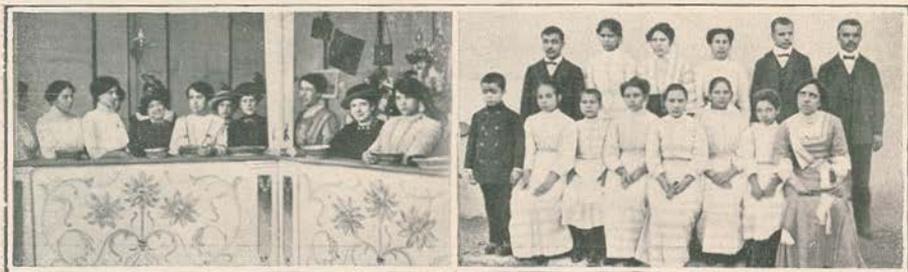
A excursão dos empregados dos GRANDES ARMAZENS HERMINIOS DO PORTO A BRAGA: 1. Empregados superiores e os representantes da imprensa.—2. A direção dos Herminios sentada. De pé: a comissão organizadora da excursão.—(Clichés do di tinto fotografado sr. F. Miranda)



A direção e pessoal dos grandes Armazens Herminios que n'uma festa de confraternisação comemoraram o 20.º anniversario d'aquelle importante estabelecimento comercial.



1. Sr.^a D. Carlota Amalia da Cunha Moraes Sarmiento, neta do sr. dr. Augusto José da Cunha, falecida recentemente.—2. Sr. Antonio Rodrigues Montez, proprietário, falecido em Lisboa.—3. General sr. Joaquim Nicolau Aguiar falecido recentemente. 4. Monumento elevado no cemitério de Bemfida á memoria do corredor portuguez Francisco Lazaro, morto em 15 de julho de 1912, quando disputava a Maratona da V Olympiada em Stokolmo.—5. Sr.^a D. Maria do Carmo Pequeto, falecida na Barea da Ameira.—6. Sr. José Francisco Pinto de Campos, falecido em virtude d'um desastre com arma de fogo em Casevel (Alentejo). 7. Sr. Manuel Silva Freire, alferes de infantaria, recentemente falecido em Lisboa.



8. Um aspeto da kermesse realisada no asilo.—(Clicnês de Benoliel)
9. Na escola de cegos Antonio Feliciano de Castilho: Os alunos que pre-taram as suas provas de musica.



LEIRIA: A distinta professora sr.^a D. Amelia Cunha e Costa e um grupo das suas alunas que tomaram parte n'uma brilhante e seleta audição musical: 1.^o plano, meninas Cremlida M. da Silva, Gloria Andrade, Inez Albarraz, M. G. Rita e Lucia L. Vieira —2.^o plano: meninas M. J. C. Gato, Maria J. L. Vieira; D. Amelia C. e Costa, professora; meninas Izabel C. de Oliveira e America dos Santos Martins.—3.^o plano: D. Maria E. L. Gomes, D. Maria I. C. d'Azevedo, D. Adelia Batalha, menina Georgina Santos, D. Maria A. T. Leitão, D. Maria A. Aguiar, D. Alcinda Moreira, menina A. G. d'Azevedo, menina Fernanda Maia, menina Maria Augusta Moreira e menina d'Azevedo, menina Maria do Carmo Chartora.—(Cliché do distinto fotografado sr. Antonio Soares Pinto)

REPRESENTAÇÃO
EXCLUSIVA

Automobile

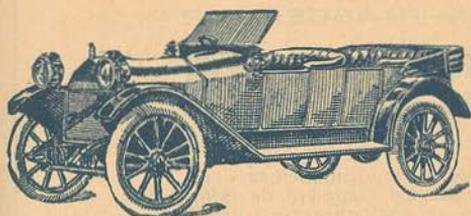
□ DA □

Empreza Industrial Portuguesa

Rua 24 de Julho, 74, 74-l — LISBOA

TELEFONE 1:994

Chassis, engrenagens, molas e veios em aço VANADIUM



Automovel Americano
de Reputação Mundial

4 Cilindros, 24-32 H. P. — Magneto «BOSCH» d'alta
tensão com avanço variavel.

Carburador "ZENITH"

Radiador D'ABEILLES

Com ventoinha

Preços: — Para 4 pessoas 1:550\$000
» 6 " 1:850\$000

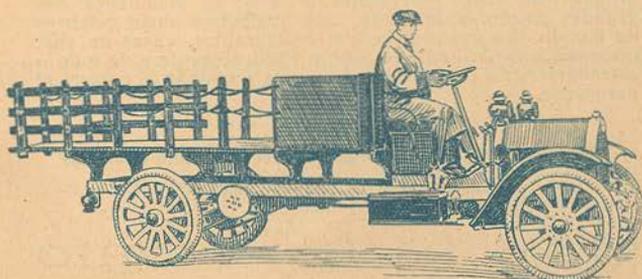
PNEUMATICOS de 810x90
Consumo de gasolina 13:100 K.^{os}
VELOCIDADE 75 K.^{mos}

CAMION FEDERAL

MARCA AMERICANA

©© Rivalisando com os melhores camions Europeus ©©

4 cilindros — 30 H P. carga maxima 2.000 kilos



Preço completamente equipado
com carroserie e galera

Rs. 2:500\$000

REPRESENTANTES:

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

74 a 74-l, R. 24 de Julho — LISBOA

TELEFONE 11:994

Agencia d'O SECULO em Paris

8, RUE DES CAPUCINES, 8

Telefone _____ ASCENSOR

Salão de leitura—Escritório de Informações—Serviços de publicidade
Viagens—Propaganda—Teatros

Na sua agencia de Paris, o *Seculo* tem, minuciosa e escrupulosamente organizado, um serviço completo de informações para ser útil não apenas aos portuguezes e brasileiros que visitam a França, mas a todos os nossos comerciantes e industriaes que procurem divulgar no estrangeiro os seus productos e a todos os comerciantes e industriaes francezes a quem a propaganda no nosso paiz ou no Brazil possa convir. Dirigindo-se á nossa agencia, os portuguezes e brasileiros de passagem em Paris encontrarão o meio mais economico e mais comodo de se instalar em hotéis confortaveis pelos preços mais modicos, em frequentar os teatros, em fazer excursões, em comprar nos melhores estabelecimentos em condições exceccionalmente vantajosas, dadas as reduções de preços que conseguimos obter-lhes. Pelo que diz respeito ao publico francez, ele encontrará na nossa casa parisiense todas as informações que possa desejar sobre o nosso paiz, todas as facilidades para se pôr em relações com ele e ainda o ensejo de apreciar as obras primas das nossas artes e das nossas industrias em exposições que é nossa intenção organizar.

A agencia do *Seculo* em Paris está instalada na Rue des Capucines, entre a Rue de la Paix e os grandes *boulevards*, a dois passos da Place Vendôme, a alguns minutos da Opera, no bairro de maior movimento de Paris, na visinhança dos grandes creadores da Moda, dos joalheiros mais celebres do mundo, dos grandes hotéis, restaurantes, casas de chá, do *rendez-vous* obrigado de todo o Paris elegante e de todo o estrangeiro, no centro de toda a vida mundana e comercial parisiense.

Informações por carta Organização de orçamentos de viagens
Estabelecimento de relações comerciaes

DIRETOR _____ PAULO OSORIO
DA AGENCIA

Endereço telegrafico — SECULO-PARIS



CARNE LIQUIDA do Dr. Valdez Garcia
de MONTEVIDEU
E' O MELHOR—TONICO—RECONSTITUINTE
para curar a anemia, deb. lidade geral, afecções nervosas para a tísica, creanças raquíticas e convalescentes

Cold-Crème Albert Simon

negros, borbulhas, cheiro, panno, verm. lhidão, etc.

Pote 800 réis. Meio Pote 600 réis. Para fóra acrescem os portes.

PEDIDOS AO DEPOSITO:

VICENTE RIBEIRO & C.^a — 84, Rua dos Fanqueiros, 1.^o — LISBOA

Com sello VITERI. O mais perfeito artigo de toilette, branqueia, perfuma e amacia a pelle. Tira os cravos, pontos



O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE
CHIROMANTE
E FISIONOMISTA DA EUROPA

MADAME
BROUILLARD



Diz o passado e o presente e pre-
diz o futuro, com veracidade e rapi-
dez; é incomparavel em vaticínios.
Pelo estudo que fez das ciencias,
quiromancias, cronologia e fisiologia
e pelas applicações praticas das teo-
rias de Gall, Lavater, Desbarrolles,
Lambrose, d'Arpentigny, madame
Brouillard tem percorrido as princi-
pales cidades da Europa e America,
e não foi admirada pelos numerosos
clientes da mais alta categoria, a
quem predisse a queda do Imperio e
todos os acontecimentos que se lhe

requiriam. Fala portuguez, francez, inglez, alcmão, italiano e hespanhol. Da
consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 41, RUA
DO CARMO, 43 (sobre loja) — LISBOA. Consultas a 15000 rs., 25000 e 50000 rs.

**O Seculo
Agricola**

SEMANARIO ILUSTRADO de
ensino pratico de agricul-
tura, jardinagem, criação de
animaes, etc.

Preço 20 rs. cada numero

Resposta a consultas; prestação
de serviços technicos: analises e in-
formações.

Por assinatura, trimestre 250 réis

**A mais b rata publicação
do genero**

**Trabalhos de Zincogravura, Fotogravura, Stereotipia, Composição
e Impressão**

ZINCOGRAVURA E FOTOGRAVURA.—Em zinco simples de 1.^a qualidade, cobreado ou niquelado.

Em COBRE, A CORES, pelo mais recente processo—o de tricromia

PARA JORNAES com tramas especiaes para este genero de trabalhos. STEREO TIPIA de
toda a especie de composição. Impressão e composição de revistas, illustrações e jornaes diarios da
tarde ou da noite.

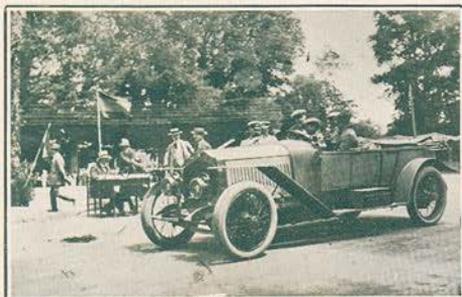
Officinas da ILUSTRAÇÃO "PORTUGUEZA"

RUA DO SEculo 43—LISBOA

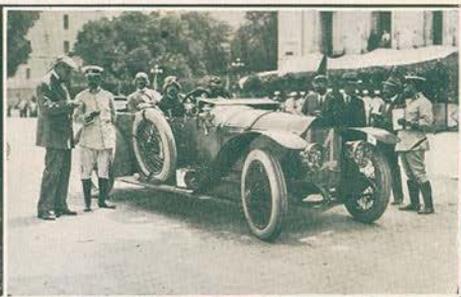
CORRIDAS DO **Real Automóvil Club de España**

15 DE JUNHO DE 1913

309 KILOMETROS



Marquez de Avaray em Dion

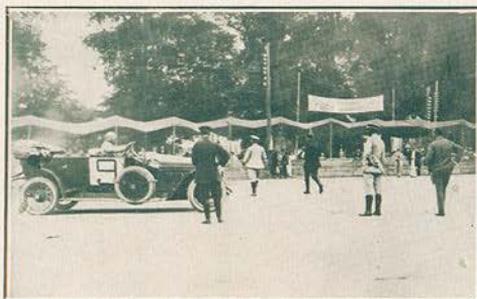


Marquez de Aulencia em Lorraine

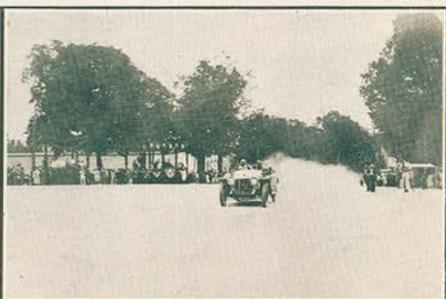
Dos 11 automoveis que acabaram a corrida, 8 tinham os

Pneumaticos CONTINENTAL

E NAO SOFRERAM A MENOR AVARIA NOS PNEUMATICOS



Román em Opel



L abayen em Panhard

- 1.º Da 2.ª categoria: Román em Opel.
 Da 3.ª " Labayen, em Panhard & Levassor.
 Da 4.ª " Marquez d'Avaray, em Dion-Bouton.

CLASSIFICAÇÃO GERAL

- 2.º—Marquez de Aulencia, em automovel Lorraine-Dietrich, a 2 minutos do 1.º.
 4.º—Marquez d'Avaray, em Dion-Bouton.
 5.º—Labayen, em Panhard & Leva: sor.
 6.º—Marquez de Ugena, em Th. Schneider.

- 7.º—Conde de la Patilla, em Minerva, que ganhou a Taça de regularidade.
 8.º—Santibanez, em Panhard & Levassor.
 10.º—Román, em Opel.
 11.º—García Ocaña, em Delaunay-Belleville.

TODOS EM **PNEUMATICOS CONTINENTAL**